

SENHOR BUDDHA E SEU CAMINHO DO MEIO

Swami Paratparananda¹

Editorial da Revista *The Vedanta Kesari* – junho de 1965²

A vida de Gautama, o Buddha, é um farol que tem lançado luz constante, por dois milênios e meio até agora, informando, inspirando e iluminando as pessoas, e continuará a fazê-lo enquanto o homem valorizar algo mais elevado do que as coisas do mundo mundano, enquanto o homem se importar um pouco com uma vida correta, enquanto o homem amar viver em paz, enquanto o homem existir. Pois foi uma vida de sacrifício intensamente vivida, na qual não havia disparidade entre as palavras ditas e as ações realizadas. Foi uma vida que não conheceu medo, que não fez distinção entre alto e baixo.

Buddha não deu muita ênfase ao lado metafísico abstruso da filosofia. Talvez ele tenha pensado que deveria dar uma demonstração prática de uma boa vida para as eras vindouras, em vez de se deter em meras especulações. Essa tendência de seu pensamento é discernível em sua resposta à questão sobre a existência da alma. Ele pergunta: “Se você encontrar um homem perfurado por uma flecha, você primeiro tentará investigar por qual caçador ela foi disparada, com qual veneno estava embebida e assim por diante indefinidamente, ou aliviará o sofrimento do homem extraindo a flecha e aplicando bálsamos calmantes na ferida?” ‘O homem’, ele parece dizer, ‘está ardendo nas misérias deste mundo; mostre-lhe o caminho para sair delas e deixe de lado todas as outras discussões áridas.’ Sua vida, portanto, como a mais racional, atrai a todos, desde os descrentes, agnósticos e ateus até os fiéis e religiosos. Quaisquer que sejam as diferenças doutrinárias que possam ter existido ou ainda existam entre seus seguidores e os de outras crenças, não se pode negar que sua vida ainda tem um encanto que emociona as pessoas, tocando-as no âmago de seu ser. Quase se assemelha a uma canção lírica, levando você ao longo de sua corrente de melodias, ora fazendo-o ver as profundezas do desespero em sua luta, ora elevando-o ao ápice da alegria em sua iluminação, ora comovendo-o às lágrimas pela prontidão do Abençoado em sacrificar sua vida para salvar a de um cordeiro, e novamente fazendo-o ficar em reverência diante da firmeza de seu desejo de manter a pureza de sua crença, livre de todos os milagres.

Que pena e compaixão devem ter fluído naquelas veias, que sofrimentos intensos devem ter sido sentidos naquele coração para ser comovido assim! Aqui

¹ Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o editor da revista *The Vedanta Kesari* da Ordem Ramakrishna na Índia. Veja também, <https://estudantedavedanta.net/paratparananda.html>.

² Do editorial original em inglês, *Lord Buddha and His Middle Path*.

encontramos o dito incompreensível dos *Upanishads* (*sarvam khalvidam brahma* — ‘tudo isso é verdadeiramente Brahman’) sendo vivido literalmente, e não como uma prática, mas espontaneamente como resultado da realização da Unidade do Ser.

II

Agora, façamos um breve resumo de sua vida, pois um detalhamento está além do nosso escopo no momento. A maioria dos relatos da vida de Buddha que obtemos vem do *Lalitavistara* e de outros cânones *Pali*.

Buddha é o nome pelo qual Siddhartha Gautama foi conhecido após sua iluminação. Ele nasceu no ano 563 a.C., filho do rei provincial Suddhodana e sua rainha Maya, de *Kapilavasthu*, uma cidade nas planícies próximas às colinas do Nepal. Foi previsto que seu filho, quando adulto, se tornaria um rei poderoso ou, movido pelas dores do mundo, um líder religioso, o rei Suddhodana, para evitar a última tragédia (como ele a considerava), criou seu filho longe dos três males do mundo: doença, velhice e morte. Quando Siddhartha atingiu a idade adulta, o pai, desejando prendê-lo com segurança à riqueza e ao reino, casou-o com uma garota de sua escolha, chamada Yasodhara, bela, amorosa e virtuosa. Eles tiveram um filho adorável, chamado Rahula. Suddhodana agora se sentia um pouco mais seguro, pois pensava que a responsabilidade da família e o amor por sua esposa e filho manteriam Siddhartha preso ao mundo.

A roda do tempo girou. Enquanto isso, o destino parecia rir às escondidas enquanto o rei tentava, em vão, envolver Siddhartha no mundo. Siddhartha, agora desejoso de conhecer seu povo, partiu do palácio em sua carruagem. E como se a Providência estivesse à espera, apenas para este momento, para golpear e golpear forte, chocando a consciência de Siddhartha, até então mantida no escuro sobre o estado real do mundo, em um rude despertar. Ele se deparou com os três fenômenos que o rei sempre mantivera longe dele. Ele viu em seu caminho um velho, curvado, enfraquecido pelos estragos do tempo, arrastando o fardo do corpo com grande esforço. Aprendeu com seu cocheiro que esse era o caminho de toda a humanidade, que aquele mesmo velho já foi um jovem alegre e brincalhão, mas que o tempo reduzira àquele estado. Depois, viu um homem paralítico, com alguns dedos das mãos faltando, deitado à beira da estrada, contorcendo-se de dor. À pergunta compassiva de Siddhartha sobre o homem, Channa, o cocheiro, explicou que ele estava afligido por uma doença. A doença, disse ele, vem aos seres humanos de várias formas, mas ninguém sabe como. Então, Siddhartha se deparou com um cadáver sendo carregado em um esquife. Ao olhar interrogativo de Siddhartha, Channa disse que aquele era o fim de todos os seres humanos; que aqueles que nascem um dia têm que morrer. Cada uma dessas visões lançou Siddhartha em contemplação cada vez mais profunda. Ele ficou triste. Não haveria saída para esses três males? pensou ele. Como se para mostrar-lhe o caminho, ele então encontrou um *Sannyasin*, sereno, autocontrolado e digno, carregando uma tigela de mendigo. Siddhartha ficou

impressionado e perguntou a Channa quem seria aquela pessoa tão calma, e soube que era um monge que ‘abandonara todos os desejos e levava uma vida de austeridade, vivendo sem paixão ou inveja e mendigando seu alimento diário’. Siddhartha refletiu consigo mesmo: ‘Bem, esse parece ser o curso de vida destinado a mim’; ‘tornar-se religioso sempre foi elogiado pelos sábios, e este será meu refúgio e o refúgio dos outros, e produzirá o fruto da vida e da imortalidade!’

Ele voltou ao palácio ponderando, alheio a tudo, e quando o palácio estava mergulhado na calma da noite, sua decisão estava tomada. Despedindo-se de sua esposa e filho adormecidos, Siddhartha partiu, seguido por Channa, até percorrer uma grande distância; então, despindo-se de suas vestes reais e joias, enviou Channa de volta ao palácio e partiu para a vida sem lar. Ele tinha então alcançado a idade de vinte e nove anos.

Sua primeira experiência após essa grande renúncia foi com o rei de Magadha, Bimbisara. Siddhartha, que havia saído em sua jornada de mendicância pela cidade de Rajagriha, chamou a atenção das pessoas. Quando o rei soube disso, foi ao local onde Siddhartha estava e, impressionado com a beleza de sua pessoa e a nobreza de seu porte, ofereceu-lhe todo o reino. Siddhartha recusou-se a ter qualquer coisa a ver com o império mundano, mas prometeu ao rei ensinar-lhe seu caminho quando o tivesse encontrado.

Daí, ele prosseguiu para o eremitério de Ālāra Kālāma, um renomado mestre da época, tornou-se seu discípulo e aprendeu a arte da meditação com ele. Mas, não satisfeito com a parte metafísica de seus ensinamentos, retirou-se para uma floresta e praticou austeridades, jejum e mortificação, por anos, até que seu corpo ficou como um galho ressecado. Ao final de seis anos, ele avaliou o estado de sua mente sentado sob uma árvore *Jambu*. A mortificação havia enfraquecido seu corpo, e ainda assim ele não estava à vista da iluminação. Pensou em abandonar o caminho do jejum e foi banhar-se em um rio, mas estava tão fraco que não conseguia sair da correnteza. Com grande esforço, ele saiu, mas no caminho de volta desmaiou. Seus companheiros, os cinco monges, pensaram que ele estava morto. Mas ele reviveu e então resolveu mendigar seu alimento, para que sua saúde e força fossem restauradas. Vendo que Siddhartha quebrara seu jejum sem atingir a iluminação, os monges o abandonaram. Agora, a filha do chefe da aldeia de Uruvela, onde Siddhartha praticava suas austeridades, desejava que o grande *Sakya Muni* se dignasse a receber alimento dela.

Assim, no dia em que ele alcançaria a iluminação, ela teve uma previsão. Ela, portanto, carregou uma tigela de leite coalhado cozido com arroz e ofereceu-o ao Grande. Siddhartha pegou a tigela, foi ao rio, banhou-se e, após comer o alimento e refrescar seus membros, fez o maior voto: ‘Que meu corpo seque, minha pele, meus nervos e meus ossos se desfaçam, ainda assim este corpo não sairá deste assento até que eu tenha alcançado a Suprema Iluminação, que é difícil de ser alcançada mesmo após eras.’ Várias foram as tentações que vieram a ele naquele momento, mas ele as superou todas, e quando o amanhecer se aproximou, Siddhartha atingiu a Suprema Iluminação, tornando-se o Buddha.

Diz-se que o Abençoado permaneceu naquele estado por 49 dias, desfrutando da bem-aventurança da emancipação. No quadragésimo nono dia, dois mercadores que passavam viram sua figura majestosa, cheia de paz, e foram movidos a fazer uma oferta de alimento ao Abençoado. O Buddha aceitou sua oferta e apontou-lhes o caminho da salvação, e eles se tornaram seus primeiros discípulos leigos.

Agora, o Buddha ponderou profundamente se deveria ensinar o que havia realizado. Pois ele pensou que as pessoas do mundo não entenderiam a verdade, pois sua felicidade estava nos prazeres do corpo. No entanto, ele sentiu um impulso interior de que a Verdade tão duramente conquistada não deveria ser perdida. E então ele lembrou-se de seus cinco discípulos e, sabendo que eles viviam em *Isipatana*, perto de *Banaras*, dirigiu-se para lá. Os monges viram seu antigo mestre se aproximar, mas resolveram não lhe mostrar respeito, pois ele havia quebrado seu voto de jejum. Mas, quando o Abençoado se aproximou, eles involuntariamente se levantaram de seus assentos, apesar de sua resolução, curvaram-se diante dele e ofereceram-lhe um lugar, e ele os ensinou. Esse foi seu primeiro sermão. A eles, ele ensinou a ineficácia das austeridades inúteis e exortou-os a seguir o caminho do meio que ele havia descoberto.

A essa altura, ele já tinha um bom número de monges em seu séquito. De *Banaras*, ele foi para *Rajagriha*, ao rei *Bimbisara*, recebeu-o em sua comunidade e pregou seu *Dharma*. De *Rajagriha*, o Buddha partiu para *Kapilavasthu*, convidado por seu pai. Lá, ele converteu os príncipes *Sākya* ao seu *Dharma* e recebeu seu filho *Rahula* – que, ensinado por sua mãe *Yaśodhara*, reivindicara sua herança – na Ordem. Muito mais tarde, em *Vesali*, ele decidiu admitir mulheres na Ordem, a pedido de *Ānanda*, que testemunhara um grupo de mulheres sinceras, com os pés doloridos de tanto caminhar e cobertas de poeira, vindo suplicar ao *Tathagata* para serem ordenadas como monjas.

Por quarenta e cinco anos, o Abençoado viajou, pregou e ensinou o caminho da salvação. Ele tinha agora 1200 discípulos monges. Ele também tinha um grande número de seguidores entre leigos e leigas. Agora, quando ele estava cheio de anos (tinha então oitenta) e sua missão estava cumprida, o Abençoado partiu para *Pāra*, onde aceitou a hospitalidade de *Canda*, um ferreiro. Mas o Buddha foi acometido por uma doença grave logo após comer a refeição oferecida por *Canda* e sentiu grande dor. No entanto, atento e autocontrolado, o Buddha suportou-a sem reclamações. Ele então seguiu para *Kusinara* e parou em um bosque de *Sāla*. Sentindo-se cansado, pediu a *Ananda*, seu discípulo e atendente, que estendesse seu leito entre duas árvores *Sāla* e deitou-se sobre seu lado direito.

E quando os últimos momentos se aproximavam, eis que um buscador chegou e quis ser ensinado, aproximando-se de *Ananda*. Mas *Ananda* recusou-se a permitir que ele perturbasse o Abençoado, sabendo que o Mestre estava cansado. No entanto, o Buddha, que ouviu sua conversa e sabendo que o buscador era sincero, mandou chamá-lo e dissipou todas as suas dúvidas. Assim, o Buddha ensinou todo buscador sincero até seu último suspiro. A última exortação do Abençoado aos Irmãos foi: 'A

decadência é inerente a todas as coisas compostas. Trabalhem sua salvação com diligência.’

III

Agora chegamos aos ensinamentos do Buddha, dos quais discutiremos aqui apenas sobre o caminho do meio. Muita confusão surgiu na interpretação desse caminho, e a passagem do tempo não ajudou a remover esses mal-entendidos. Pelo contrário, as pessoas estavam e ainda estão sem disposição para quebrar as imagens preciosas de sua própria interpretação desses ensinamentos. As pessoas tendem a esquecer que as exortações de um grande Mestre espiritual não podem ser interpretadas corretamente exceto à luz de sua própria vida. Em segundo lugar, também devemos considerar a época em que o Mestre viveu e o contexto em que ele proferiu as palavras em questão.

Temos, como nos foi transmitido em tradução, os ensinamentos do Abençoado sobre o caminho do meio da seguinte forma:

“O *Tathagata*”, disse o Buddha, “não busca a salvação em austeridades, mas tampouco, por essa razão, se entrega aos prazeres mundanos, nem vive na abundância. O *Tathagata* encontrou o caminho do meio.

“Há dois extremos, ó monges, que o homem que renunciou ao mundo não deve seguir — a prática *habitual*, por um lado, da autoindulgência, que é indigna, vã e adequada apenas para os mundanos; e a prática *habitual*, por outro lado, da auto mortificação, que é dolorosa, inútil e infrutífera.”³

O Buddha continua:

“Através do sofrimento, o devoto emaciado produz confusão e pensamentos doentios em sua mente. A mortificação não conduz nem mesmo ao conhecimento mundano; quanto menos ao triunfo sobre os sentidos!”⁴

Em primeiro lugar, devemos entender que o jejum e a mortificação da carne eram considerados, naquela época, o *caminho* para a salvação. Se recordarmos o que foi dito anteriormente, veremos que o Buddha deu seu primeiro sermão aos discípulos que o haviam abandonado quando ele começou a mendigar após desfalecer de jejum e mortificação. A impressão dos discípulos de que ele havia quebrado seu voto ao comer e não era mais um *Muni*, mas um homem do mundo, era tão grande que, quando o viram após sua iluminação, eles o trataram como ‘irmão’, como um igual, e não como seu Mestre. Essa noção falsa precisava ser combatida. Pois o Buddha havia vindo como um salvador, e ele não poderia deixar de expulsar as falsas noções prevalecentes em seu tempo, para salvar a religião da aniquilação total. Ele teve que falar a verdade e em linguagem forte, adequada à ocasião que exigia. Além disso, a mortificação não era o objetivo do homem, enquanto as pessoas daquela época viam

³ Gospel of Buddhism by Paul Carus, PP. 41 and 42. Pub: The Publication Department, Government of India, Delhi.

⁴ Idem.

a salvação *apenas nela*. As mortificações eram, se muito, apenas os meios. O objetivo não estava sendo esquecido na vaidade da austeridade? É por isso que o Buddha exorta sobre como é difícil triunfar sobre os sentidos apenas com austeridade, que torna o homem fraco e incapaz de conhecer até mesmo as coisas comuns da vida. Quem era uma autoridade melhor sobre o que conduz à salvação do que aquele que havia alcançado a iluminação? Mas o Buddha adverte aqueles que podem oscilar para o outro extremo: “A sensualidade é enervante; o homem autoindulgente é escravo de suas paixões, e a busca por prazeres é degradante e vulgar”. No entanto, ele não quer deixar indefinido o que tem a dizer sobre seu caminho do meio. Então, ele continua:

“Mas satisfazer as necessidades da vida não é mal. Manter o corpo em boa saúde é um dever, pois, caso contrário, não seremos capazes de aparar a lâmpada da sabedoria e manter nossa mente forte e clara. Este é o caminho do meio que se mantém afastado dos extremos.”⁵

Aqueles que param nas instruções do *Tathagata* sobre austeridade e não seguem suas injunções posteriores estão em perigo ainda maior de perder seu suporte no caminho espiritual do que os outros. Isso deve ser lembrado por todos os aspirantes. Além disso, devemos considerar o significado de cada palavra de seus ditos citados acima. Há a palavra ‘habitual’ qualificando a prática de austeridades, que colocamos em itálico, para mostrar que não é de forma alguma contra as injunções do Buddha observar jejuns e vigílias ocasionalmente, sem prejudicar o corpo. A ideia por trás das instruções do *Tathagata* é clara e inequívoca e não deve ser distorcida para atender às nossas necessidades. Para que as pessoas não sejam desviadas por sua denúncia das austeridades, o Buddha observa: “Que ele seja moderado, que coma e beba de acordo com as necessidades do corpo”. As ‘necessidades do corpo’ podem ser um termo perigoso. Pois, nos tempos atuais, nossas necessidades têm uma tendência a aumentar de forma telescópica. Mas nossa antiga ideia era, como Swami Vivekananda coloca, “com o quão pouco podemos manter o corpo em forma, e não com o quanto podemos nos contentar”.

O *Bhagavad Gītā* também dá um ensinamento quase idêntico: “*Yoga* não pode ser praticado por aquele que se entrega a excessos, nem por aquele que se abstém completamente de alimento; tampouco pode ser praticado por aquele que dorme em excesso, nem por aquele que permanece sempre acordado. Para aquele que é moderado em sua alimentação e repouso, moderado em suas atividades físicas, moderado no sono e na vigília, o *Yoga* se torna fácil de praticar e dissipador de misérias.”⁶

Claro, isso não significa que não há um estágio em que o homem possa se abster de alimento. O próprio Buddha, se acreditarmos na tradição, ficou sem alimento por 49 dias após sua iluminação, imerso na bem-aventurança da emancipação. Em nossos próprios tempos, Sri Ramakrishna viveu nesse estado por seis meses, sem estar ciente do que acontecia ao seu redor, nem mesmo de seu corpo. Providencialmente, porém,

⁵ Ibidem.

⁶ Bhagavad Gita, VI, 16 & 17

um monge errante que chegou a Dakshineswar naquele tempo e compreendeu o estado real pelo qual Sri Ramakrishna passava, administrou-lhe alimento, às vezes até batendo nele para trazer sua mente de volta ao plano normal. Mas esses são casos excepcionais em que a iluminação já havia sido alcançada. Talvez as necessidades do corpo não sejam tão exigentes nesse estado quanto quando o homem está no plano normal. Mas, para todos os outros que ainda são aspirantes, o caminho do meio prescrito pelo *Gītā*, reforçado pelo Buddha e reiterado por Sri Ramakrishna, é o guia mais seguro.

Sri Ramakrishna, quando soube que certa pessoa havia abandonado peixe e folha de Betel, teria dito: “O que a pobre folha de Betel e o peixe fizeram? Que ele abandone a luxúria e o ouro”. O significado é que a luxúria e a avareza são os dois maiores obstáculos no caminho espiritual. Se alguém pratica austeridades e ainda retém desejos por prazeres aqui ou no além, não será capaz de alcançar a salvação. Não devemos tirar conclusões precipitadas sem entender o propósito desse ensinamento. Observe que, como um falcão, Sri Ramakrishna mantinha seus olhos atentos sobre seus discípulos. Ele era muito criterioso até mesmo sobre qual alimento, e quanto dele, cada um de seus jovens discípulos ingeria, e nunca deixava de repreendê-los se fosse mais do que as necessidades do corpo daquele indivíduo. Esse é o caminho do meio que o Buddha também ensinou. Lembremo-nos disso sempre e não nos deixemos desviar de nenhuma maneira.

